

Gabriela Alves Santos Rocha - 172067

A PRÁTICA DO JORNALISMO DECLARATÓRIO NA COBERTURA DE EDUCAÇÃO E CONSEQUÊNCIAS NA QUALIDADE DAS NOTÍCIAS

Trabalho apresentado à FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, no 5º semestre do curso de Jornalismo, sob a orientação da Professora Me. Fernanda Iarossi, para andamento da atividade de Iniciação Científica promovida entre Agosto/19 a Junho/20.

1. INTRODUÇÃO

A atividade jornalística desenvolve-se em conjunto com a evolução da humanidade e seus conceitos são também registrados conforme as definições temporais, que marcam as épocas pelas quais o jornalismo fez história. Ligada diretamente à informação, sua transmissão e propagação, a profissão recebe consideravelmente uma carga de responsabilidade em face ao caráter de seu exercício. Muitos autores tentam definir de forma precisa o jornalismo, e para apresentação do tema a ser explorado, vejamos a definição de Bond (1962):

Todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público. Todos os acontecimentos mundiais, desde que interessem ao público, e todo pensamento, ação e ideias que esses acontecimentos estimulam, constituem o material básico para o jornalista. (BOND, 1962, pp. 15).

Os conceitos científicos da atividade mudam conforme a percepção do acadêmico e suas experiências acerca do tema. Azevedo diz que o jornalismo é “feito de idealismo, de energia pessoal e de perguntas, além de uma boa dose de conhecimentos diversos, visando informar bem ao leitor, este sim, o objetivo primordial do trabalho jornalístico”. (1979, p. 23).

Para além de suas definições, o jornalismo é, de modo precípua, o agente de disseminação da informação através da notícia. Possui linguagem e técnicas próprias, formatos, gêneros, subgêneros e pressupõe credibilidade, confiança que alicerçam o trabalho do profissional jornalista. A fim de jungir os fatos mais relevantes e transmiti-los ao público, o exercício deve, por obrigação e comprometimento profissional, ser isento de influências que interfiram na veracidade do que é transmitido.

Na fase do intitulado “pré-jornalismo”, os registros existentes dão conta que a atividade pode estar enraizada nas cartas informativas (elaboradas por monges, diplomatas, funcionários de mercadores, entre outros), como explica FURTADO e GADINI (2013, p. 185), amparados por RIZZINI (1977, p. 59-60), sobre a função jornalístico-informativa deste escritos que circulavam, em sua maioria, na Europa, entre os séculos XVI e XVIII, e eram dotadas de informações cuja importância informativa transpassava as de folhas e gazetas deste período. Os autores também expõem que “algumas formas pré-jornalísticas podem ser citadas, como as crônicas, cartas informativas e os relatos de viagens” (2013, p. 190), provenientes do período medieval, apesar de enfatizarem que tal época pouco contribuiu no desenvolvimento destes fenômenos jornalísticos.

Caminhando na direção da modernização, o jornalismo enfrenta uma fase crucial durante o século XV, período da história em que se consolidou o Renascimento, e o advento que mudaria para sempre o percurso da profissão com a prensa móvel de Johannes Gutenberg.

Como torna-se perceptível, o jornalismo foi moldado e ganhou ressignificados em paralelo aos acontecimentos históricos que marcaram a evolução dos mais diversos locais ao redor do globo, até ganhar o status de jornalismo moderno no século XVII, pelos seguintes motivos:

A sociedade [da Europa], sujeita a transformações, instabilidade e mudanças, necessitava de informação. Por isso, havia não só receptividade para as notícias, mas também matéria-

prima informativa suficiente para sustentar o aparecimento dos primeiros jornais “eminentemente jornalísticos”, correntemente denominados gazetas, nome que deriva da moeda veneziana “gazeta”, quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em actos de leitura pública. (SOUSA, 2008, p.75).

O autor também explica que o nascimento deste tipo de jornalismo ocorreu pela mudança na forma como as gazetas se modernizaram em relação aos primeiros livros noticiosos:

Esses primeiros jornais, ou gazetas, na sua essência, correspondem a uma evolução do conceito de “livro noticioso” para uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menor custo e com notícias mais actuais. (SOUSA, 2008, p. 75).

Pautando-se no contexto histórico de seu surgimento e, principalmente, nos fatores que engendram os caminhos do jornalismo atual no Brasil, será analisada a prática recorrente, que se manifesta principalmente no ambiente político, e concebe discussões importantes acerca da maneira como as notícias são divulgadas e como as angulações exploradas determinam a importância do conteúdo, geram debates e não só informam o público como formam sua opinião.

Desta forma, apresenta-se na pesquisa o conceito, a formação e os desdobramentos do jornalismo declaratório, suas implicações na qualidade da notícia, como as redações aderem a prática e seus pontos positivos e negativos neste espaço profissional. Sabe-se que seu fortalecimento ocorre de maneira significativa no ambiente da cibercultura e com o advento das redes sociais como WhatsApp, Facebook e Twitter. Por intermédio destas redes supracitadas, que possuem alcance mundial de pessoas e intensifica o processo de velocidade da informação, o termo “declaratório” parece gerar impasses que prejudicam a qualidade da cobertura.

Nesta mesma linha de pesquisa, o jornalismo declaratório será avaliado quando imerso na editoria de Educação, intitulada “jornalismo de educação”, para, desta forma, explorar quais as suas consequências na produção de notícias, reportagens, matérias, e todas estas ferramentas utilizadas pela atividade jornalística e qual a sua contribuição, seja ela positiva ou negativa.

Para tanto, a problemática desta inspeção centra-se na forma como o jornalismo declaratório, intensificado na era tecnológica, contribui para a credibilidade na cobertura de educação no contexto atual de polarização política do Brasil, para que desta forma, possam ser identificados os pontos de atenção aos jornalistas, a priori, e também aos consumidores de notícias

em geral, que lancem luz acerca de como o profissional tem se portado diante das pautas de educação e como torná-las mais atraentes, sem se utilizar de artifícios que não fomentam um debate qualitativo do tema. Ainda para andamento do estudo, as declarações de Abraham Weintraub (atual Ministro da Educação) compõem essa análise, inclusive, evidenciando que a prática do jornalismo declaratório na cobertura de educação ocupa lugar de um distanciador, além de não colaborar para o crescimento da editoria.

Vale ressaltar também que neste íterim em que o labor científico pode gestar outras percepções com o andamento da pesquisa, será avaliado e apontado um possível caminho ou alternativa ao jornalismo declaratório, que possui por característica a superficialidade, em detrimento do jornalismo explicativo, que se utiliza das técnicas como lead, e linguagem de simples entendimento, mas que disseca o assunto tratado a ponto de expor todos os lados da notícia. O lead (ou lide) de uma notícia é uma das técnicas mais importantes na escrita deste tipo de texto, e pode ser entendido como:

Uma unidade de pensamento em si; introduz, resume e fornece explicações ao leitor; procura situá-lo diante dos fatos, cativando-o para que continue a leitura ou buscando satisfazer a curiosidade rapidamente. [...] Responde às perguntas do leitor: o quê? quem? quando? como? onde? por quê? e, finalmente, para quê? (JORGE, 2018, p. 131-132).

2. JUSTIFICATIVA

O jornalismo é uma ferramenta crucial para a vida em sociedade. Sua importância transpassa as barreiras ideológicas e expõe a necessidade da atividade enquanto transmissora de informação e que auxilia no processo da construção de cidadãos emancipados e que estejam amparados pela luz do conhecimento e afastados da alienação.

Bem como qualquer outra profissão, o jornalista será contestado por suas criações, entretanto, antes de mais nada, deve ser um contestador. A apuração deve ser a sua preocupação

intensa e constante, e a busca por todos os lados de uma narrativa deve nortear radicalmente o seu trabalho.

Na era da tecnologia, em que a informação é compartilhada em progressão geométrica, e que a disputa por narrativas se intensifica, todo o esmero com aquilo que se publica ainda pode ser pouco. A efemeridade de uma notícia, bem como a importância de chamar a atenção para o material desejado engendra uma luta por espaço apinhado de macetes. Neste sentido, alguns veículos de comunicação acabam por se utilizar de práticas que prejudicam a credibilidade daquilo que emitem. E desta forma, o debate sobre a forma como se utilizam atualmente o jornalismo declaratório apresenta o seu senso de urgência, buscando evidenciar a circunspeção e sua importância na práxis jornalística.

O background desta análise – que enfatiza ainda mais a sua necessidade e importância – está na conjuntura política brasileira, com ênfase no atual governo do presidente Jair Messias Bolsonaro. Faz-se importante ressaltar que a prática do jornalismo declaratório sempre se fez presente, e também se manifesta no jornalismo mundial, que em dado momento também servirá de comparativo para ilustrar como é utilizada em outros países e quais os pontos em comum com o Brasil.

Debord conceitua a ideia de “sociedade do espetáculo” e, explícito neste conceito, o autor apresenta a sua primeira tese, em que afirma: “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”. (DEBORD, 1997, p. 13). Neste sentido, nota-se que é necessário uma espetacularização da notícia sobre uma declaração, para chegar à frente nesta disputa inserida no âmbito jornalístico. Cria-se um simulacro de jornalismo, a partir de então.

Pautado por tais ambições, a relevância social da pesquisa consiste na possibilidade de contribuir nos campos de jornalismo, educação e precisamente do jornalista especializado na

editoria, a fim de que todas as partes envolvidas possam, desta forma, ampliar seus conhecimentos acerca do fenômeno e a partir disso, nutrir seu espírito crítico para entender suas consequências.

3. PROBLEMA DA PESQUISA

Esta pesquisa apresenta como seu eixo central o entendimento e a investigação, além de se utilizar da criticidade para ampliar o conhecimento científico acerca de como a prática jornalística declaratória se manifesta na cobertura de educação centrada na conjuntura política brasileira atual e contribui para a perda de credibilidade e interesse em tal assunto por parte do público consumidor de notícias. Trata-se também de uma exploração acerca de como este problema, que atinge o jornalismo, cria uma barreira para que a editoria de educação atinja novos públicos diretamente ligados ao assunto, tais como jovens alunos.

4. OBJETIVOS

Em continuidade ao foco da pesquisa, mantivemos como objetivo geral a compreensão acerca das implicações que o jornalismo declaratório pode trazer à qualidade da notícia, e quais as consequências de sua utilização deliberada, amalhando conceitos e depoimentos de jornalistas e autores que realizam suas análises com profundidade e demonstram quão prejudicial pode ser a prática para a formação de um jornalismo emancipado, isento e que esteja intrincado a credibilidade e seriedade.

Já no que tange aos objetivos específicos, centra-se a análise, investigação e crítica da utilização do jornalismo declaratório em detrimento do jornalismo explicativo, tão importante e fundamental para o entendimento geral de qualquer que seja a cobertura realizada, no entanto, para o estudo aqui descrito, avaliaremos como esta prática jornalística se manifesta de maneira potente na cobertura de educação e que acaba por se desvencilhar de sua principal função de gerar informação relevante ao interesse público, inserido no contexto da atual polarização política vivida

pelo país. Desta forma, culmina na perda de uma prerrogativa da atividade jornalística não concedendo visibilidade aos agentes que, de fato, defrontam os problemas acerca da educação no Brasil, bem como são centrais para a discussão e apontamento de caminhos, e poucos explorados pela cobertura de educação, que mais dão substância à espetacularização política do que ao debate.

5. HIPÓTESES

O jornalismo declaratório é amplamente utilizado nas redações, seja de veículos impressos ou televisivos, devido a imensa disputa de narrativas na era tecnológica, que possui como principal característica a velocidade da informação, bem como também é fomentada pelo ensino nas universidades, que incentivam a utilização deliberada do verbo dicendi (uso das aspas para destacar a fala de alguém com notoriedade ou relevância) diante do assunto jornalístico. Travaglia (2007, p.64) explica que pode-se “introduzir falas, permitindo que se descrevam entonações, tons, altura de voz etc., da fala, que não podem ser reproduzidos na língua escrita (sussurrar; sibilar; gritar; pedir num gemido; chamar desesperado, feliz, ansioso, calmamente etc.)”.

Esta prática é potencializada no âmbito virtual atualmente, visto que a utilização de redes sociais como Twitter, por figuras importantes da conjuntura política nacional, bastante notórios no tempo presente de intensa polarização política, facilita a busca de informações e declarações durante o processo de produção da notícia, transformando, inclusive, a própria declaração pura e simples em fato noticioso, desvencilhando-se dos critérios de noticiabilidade pautados na definição de Mauro Wolf (2003).

A editoria de educação é caracterizada por linguagem inacessível, politização exacerbada dos temas, e ínfima visibilidade a estudantes e professores que, somados ao ato do jornalismo declaratório, culminam na falta de interesse pelo conteúdo jornalístico de educação no índice das notícias mais lidas em jornais impressos e portais na internet.

6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O jornalismo declaratório tornou-se uma prática comum no cotidiano dos jornalistas. A ideia de construir uma reportagem ou matéria a partir, exclusivamente, de declarações, engendra um cenário arriscado na propagação da informação. Não há definição precisa que descreva cirurgicamente o termo “jornalismo declaratório”, no entanto, jornalistas experientes citam características que auxiliam na explicação do exercício deste tipo de jornalismo. Como descreve Oliveira (2018, p. 18), o uso de determinadas técnicas, utilizadas à exaustão no exercício da profissão, como as aspas e o verbo dicendi, é a sua “materialização linear. Qualquer jornalista, em qualquer veículo de comunicação, usa essa regra ortográfica para escrever.”

Em um ambiente cada vez mais hostil, as declarações questionáveis por parte dos atores políticos, culmina em um jornalismo que perde a prerrogativa e a autonomia de seu ofício quando se utiliza apenas da ferramenta de publicar reproduções de falas. É diante desta perspectiva, centrando-se na cobertura de educação no país, uma vez que o assunto é alvo de discussões importantes em face das novas medidas adotadas, que se torna discutível qual o novo papel do jornalista e, especialmente, do profissional que cobre educação, neste embate e na recuperação da credibilidade da imprensa por meio de sua especialização e aprofundamento no assunto.

As matérias mais aprofundadas que, conseqüentemente, dependem de mais tempo, recursos e esforço de apuração, têm cedido lugar às reportagens reprodutivas que abastecem de notícias diárias as mídias e veículos de comunicação. Otávio Frias Filho, que foi diretor do jornal “Folha de S.Paulo”, explica que “o jornalismo diário está submetido a pressões, interesses conflitantes como em qualquer processo, o que dificulta a condução de uma investigação que seja criteriosa” (SEQUEIRA, 2005, P.101 apud TOLEDO, BARBOSA, ZALESKI, CHOI, SANDOVAL, CORONE, DEJAVITE, 2007, p. 3).

É nesta atual conjuntura da comunicação por intermédio do exercício jornalístico que reside o risco de divulgação de matérias que não fomentam um debate qualitativo dos temas diversos que interessam ao público, mas desviam o foco para fatores secundários, além de demonstrar a problemática da ausência de elementos básicos na construção de qualquer matéria, notícia e

reportagem: a apuração, a atenção para todos os lados envolvidos na narrativa, a contextualização, como aponta a ombudsman da Folha de S.Paulo, Flávia Lima, em seu artigo intitulado “Males do jornalismo declaratório” (2019), que explica os percalços da notícia em tempos de velocidade da informação e leituras que, algumas vezes, não passam das linhas da manchete, e a valorização do que é de interesse público, não somente interesse do público.

O experiente jornalista Caco Barcellos foi um dos expoentes da grande mídia a lançar luz sobre o assunto em uma rede de televisão. O levantamento da questão acendeu a discussão sobre o momento vivido pelo jornalismo e pelos jornalistas. Durante a exibição do programa “Em Pauta”, da Globo News, em 2011, cujo quadro político de Dilma Rousseff apresentava episódios notórios, bem como em dias atuais, o repórter respondeu a uma questão levantada por uma colega de profissão, e citou o exemplo do caso do Impeachment de Fernando Collor de Mello, em 1992, para introduzir o assunto:

Ali foi uma iniciativa da imprensa, mas acho também que foi uma iniciativa que nasceu do jornalismo declaratório. Foi o irmão do presidente que fez aquela denúncia. O que aconteceu com o presidente? Ele foi punido politicamente, sofreu o impeachment. Na Justiça ele não foi punido. Por que? Porque a justiça é venal? Não sei. Ou será que nós não investigamos tão seriamente como poderíamos e não levamos uma prova mais contundente para a Justiça avaliar, nós da imprensa ou o Ministério Público. (BARCELLOS apud OLIVEIRA, 2018, p. 12).

De acordo com artigo escrito por Luciano Martins Costa para o Observatório da Imprensa (2009), o problema do Jornalismo Declaratório consiste em “oferecer aos leitores um material que resulta sempre de um critério centralizado de escolhas, induzindo-os a acreditar que se trata de um resumo das opiniões dos entrevistados, quando na verdade se trata de composições fortemente influenciadas pelas intenções de quem edita”.

Esta técnica transformou-se em um pilar que sustenta o assunto que será definido como importante, qual matéria será vendida ao público consumidor. Outro impasse da reprodução indiscriminada de declarações consiste nas decisões que são frutos de um impacto direto da notícia publicada, como no exemplo de Caco Barcellos. A partir desta propagação, o público toma conhecimento de um determinado fato e passa a considerá-lo uma verdade absoluta. Caso a publicação não tenha sido construída de forma cuidadosa desde a sua gênese, corre-se o risco de

gerar inverdades ou meias verdades, inaceitáveis para um jornalismo ético e transparente. A mídia passa, então, a divulgar o que retorna em forma de venda, lucro e engajamento, em detrimento da qualidade do conteúdo que oferece. Este fator pode esbarrar também em elementos cruciais para a profissão, tal como o Código de Ética do Jornalismo.

Christofoletti (2018, p. 40) explica, na obra “Ética no Jornalismo”, como devem ser as coberturas jornalísticas em política e economia. O autor expõe o contexto social do país para ressaltar a importância de se produzir informação de qualidade, que é um direito de todo cidadão.

O Brasil é um país de dimensões continentais [...] é um território recheado por uma grande diversidade étnico-cultural, integrada por um sistema de comunicação oligopolizado e ainda muito ligado aos poderes centrais. Para se pensar numa ética para o jornalismo brasileiro, deve-se levar em conta essas condições, bem como o fato de que se deve atender aos interesses do público, da coletividade, da maioria, além de dar visibilidade ao direito dos cidadãos de terem uma comunicação melhor. (CHRISTOFOLETTI, 2018, p.40)

Para trazer à tona a discussão de como a mídia, principalmente o jornalismo, escolhe suas pautas e produz suas notícias em dias atuais, o jornalista Ricardo Kauffman dirigiu o documentário “O Abraço Corporativo” (2009), para criticar a forma como os conteúdos são publicados e divulgados sem o cuidado da investigação. Como porta-voz da narrativa, está Ary Itnem, que se apresenta como consultor de Recursos Humanos, que propaga a intitulada “teoria do abraço”, desenvolvida pela fictícia Confraria Britânica do Abraço Corporativo (CBAC). O conceito é baseado na melhoria da comunicação e resultados corporativos por meio do contato físico do abraço, que aproxima e diminui os impasses profissionais e pessoais na era da tecnologia.

A personagem de Ary Itnem foi idealizada, justamente, para questionar a maneira como a mídia se submete a lógica da velocidade e ignora os seus princípios básicos. Não por acaso, o nome “Ary Itnem”, ao contrário, se transforma na palavra “mentiyra / mentira”. A figura tornou-se conhecida quando publicou um vídeo na plataforma YouTube, pedindo abraços a desconhecidos na Avenida Paulista – São Paulo, cuja produção alcançou mais de 650 mil views.

Os idealizadores contam durante o curta que, os manuais de redação para jornalistas, por exemplo, orientam acerca da apuração e investigação de dados e fontes, no entanto, no cotidiano

da produção noticiosa, a realidade se mostra inversa. O objetivo que sustentou o ponto de partida da produção se relaciona com a reflexão acerca da vulnerabilidade do jornalismo confrontado com a imensa variedade de canais de comunicação ao longo dos anos. Ary (interpretado por Leonardo Camillo) foi convidado e concedeu entrevistas a diversos veículos jornalísticos e para jornalistas renomados, como Heródoto Barbeiro (da Rádio CBN à época, e o único destes que aceitou reconhecer o erro participando do documentário). Programas como “Hoje em Dia”, da Record TV, “A Noite É Uma Criança” da TV Bandeirantes, “Tudo a Ver”, também da Record TV, portais como “Folhinha Online”, Revista Veja, entre outros, publicaram e/ou exibiram matérias sobre o suposto consultor de RH, sem a devida apuração dos fatos.

O sociólogo Massimo Di Felice expõe um acontecimento subversivo semelhante ao fenômeno Ary Itnem, com objetivo de produzir uma crítica contundente à mídia. Di Felice (2017) cita o caso do pseudônimo coletivo Luther Blissett, criado por hackers e ativistas, utilizado por milhares deles para criar falsos eventos e ridicularizar a mídia de massa, com maior atuação na década de 1990. O grupo desconhecido criava e divulgava falsas notícias e, quando estas ganhavam repercussão e notoriedade na mídia, Luther Blissett desmentia, demonstrando as lacunas do jornalismo e como informações dispensáveis e o sensacionalismo pautavam qualquer meio de comunicação.

1. O JORNALISMO DECLARATÓRIO E A COBERTURA DE EDUCAÇÃO NO GOVERNO ATUAL

Os principais manuais de redação e estilo também dão conta, em certa medida, de nortear o trabalho do jornalista a fim de que este exerça o papel de divulgador da notícia dotado de rigor e consciência.

Não é uma tarefa fácil e rápida verificar uma determinada declaração de cunho político e considerada oficial. Dado factual é o uso de fontes no jornalismo. Logo, são as declarações que essas fontes prestam que darão relevância e notoriedade às matérias publicadas diariamente pelos veículos de comunicação de massa. Então, torna-se leviano tratar o jornalismo declaratório como marginal ou algo “maligno”. (OLIVEIRA, 2018, p. 21).

De acordo com o Manual do jornal O Globo (2003), editado por Luiz Garcia, o objetivo é contribuir para que erros comuns no jornalismo e repetidos sem qualquer avaliação sejam minados, avaliando os erros do próprio jornal para identificar determinados vícios. No que se refere ao centro da discussão sobre o jornalismo declaratório, uma das explicações que mais se aproxima a uma orientação do manual está localizada no Capítulo II – Estilo:

Declaração – Qualquer coisa que alguém diz a um repórter é notícia de fundamental importância – na opinião do declarante. Cabe ao jornalista não se impressionar com isso. Ele deve se perguntar: quem falou tem autoridade para tanto (é reconhecido como especialista no assunto, parte legítima no debate, testemunha confiável no acontecido)? É preciso fugir aos declarantes de plantão: artistas, personagens de colunas sociais e outros que estão sempre dispostos a dizer qualquer coisa sobre qualquer assunto. (GARCIA, 2003, p. 39).

Os manuais possuem diretrizes que auxiliam o jornalista em seu trabalho e, em grande parte, quando livres dos interesses empresariais, contribuem para determinar a relevância da notícia. O mesmo manual, por exemplo, instrui que em caso de fala, seja utilizado aspas e/ou travessão para ressaltar a importância da declaração (GARCIA, 2003). Analisados estes cuidados, vale direcionar a análise do jornalismo declaratório para uma das coberturas mais importantes do país, que diz respeito às matérias, notícias e reportagens no campo da editoria de educação. Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) é chefiado por Abraham Weintraub, que foi designado pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro para o cargo em 8 de abril de 2019, substituindo Ricardo Vélez, nomeado no início do ano. A conjuntura política atual, apesar de ter início recente, é marcada por declarações polêmicas que são constantemente publicadas. O jornalismo declaratório não se faz presente somente neste âmbito, no entanto, é no campo político que este ganha força. Oliveira (2018, p. 28) faz menção a Franco (2010) e destaca que um jornalismo que se pauta na qualidade não se restringe às declarações dos políticos, mas à verdade dos fatos.

Para melhor entender o desgaste provocado por declarações na gestão, analisemos, com auxílio de uma matéria publicada no jornal O Estado de S.Paulo na editoria de educação (.Edu) de 06 de junho de 2019, que elencou diversas falas polêmicas do ministro da educação e provocou grande movimentação na mídia. Entre elas, está a menção que Abraham desejava fazer sobre o autor austro-húngaro Franz Kafka e cometeu um deslize, citando “Kafta”, nome de um prato árabe.

O erro rendeu diversas matérias para portais conhecidos como Veja, Extra (Globo), IG, Catraca Livre, e seus desdobramentos foram citados pelo Estadão, G1, Folha de S. Paulo, Revista Fórum, entre outros veículos, com publicações de outros episódios, mas sempre com lembranças do erro outrora cometido.

Neste caso, o que faz-se necessário avaliar são os rumos para onde o jornalismo se destina. Outras declarações de Weintraub, como afirmar que algumas universidades federais promovem “balbúrdia” em seus campi, podem carregar sentido político importante de ser divulgado, visto que juntamente com a declaração estava a informação de contingenciamento de verbas na pasta de educação. No entanto, quando se utiliza de palavras que apenas contribuem para um possível fortalecimento da polarização política existente ou não contribui para o debate qualitativo, apenas se utiliza das aspas e verbo dicendi para produzir conteúdo, o jornalismo declaratório produz o seu fruto mais indesejado. O próprio Manual de Redação do Estado de S. Paulo (1997, p. 16) orienta que o jornalista:

Abandone a cômoda prática de apenas transcrever: você vai ver que o seu texto passará a ter o mínimo indispensável de aspas e qualquer entrevista, por mais complicada, sempre tenderá a despertar maior interesse no leitor. (O ESTADO DE S.PAULO, 1997, p. 16)

Já o Manual da Redação da Folha de S. Paulo (2018), que configura um conjunto de regras e dicas mais recentes, também serve para delinear outras opções para além de pautar a produção noticiosa somente nas declarações.

O espírito crítico também ajuda o jornal a atender aos interesses do leitor, a não se tornar porta-voz involuntário de quem quer que seja nem supervalorizar o microcosmo da disputa pelo poder ou da burocracia. (FOLHA DE S.PAULO, 2018, p. 69).

Sob a ótica das declarações de Abraham, o jornalismo declaratório cresce e pauta a agenda do que será consumido pelo público. O risco está em não fornecer informações de qualidade sobre os temas relacionados à editoria de educação, criando meros espectadores sem formação crítica da notícia. Obviamente, o papel do jornalismo em sua essência é informar e é necessário que, mesmo em um ambiente polarizado, se faça conhecer todos os lados dos representantes políticos, porém é necessário cautela ao se aproximar da linha tênue entre o que, de fato, interessa e gera um debate robusto e qualitativo dos acontecimentos cotidianos e que afetam diretamente a vida da população

em geral, ou o que somente serve para gerar especulações e movimentações desnecessárias, que desviam do objetivo de entender a conjuntura política e seus desdobramentos.

Ainda no que concerne à cobertura jornalística, analisemos o que diz o texto de Dan Gillmor (2018), escritor e colunista norte-americano, intitulado “*Dear Journalists, Stop Being Loudspeakers for Liars - An open letter to newsrooms everywhere*” (Caros jornalistas, parem de ser alto-falantes para mentirosos - Uma carta aberta para redações em todos os lugares). O autor chama a atenção para um lugar de fala, criado pelo próprio jornalismo, que funciona como um propagador para discursos mentirosos. Contextualizando seus escritos no âmbito do governo de Donald Trump – que possui muitas semelhanças com o governo brasileiro – Gillmor afirma que atores políticos usam a desinformação como estratégia e criam um ambiente de dúvidas entre o que é verdadeiro e falso. Desta forma, o que se percebe, é a diminuição da confiança no jornalismo como um meio de resolver esta questão.

É considerável pensar que dado o teor de determinadas publicações na área de educação, a reprodução do que se disse se fará necessária para que o consumidor das notícias entenda o que há de importante por trás do que se reproduz. Sob esta ótica, o que se percebe é a necessidade de modificar o modus operandi de tais reproduções. É necessário que o jornalismo seja mais do que um ouvinte e, posteriormente, um palanque de falácias. O jornalista Mário Magalhães explica em sua obra “*Sobre Lutas e Lágrimas: uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse*” (2019), que é necessário que a profissão e o profissional se posicionem frente os entraves políticos desta natureza.

As declarações de Abraham Weintraub compõem essa análise de maneira decisiva para lançar luz na prática do jornalismo declaratório na cobertura de educação como um distanciador de novos públicos e não colabora para que a editoria seja considerada crucial para o entendimento de determinadas conjunturas. Há de se levar em consideração, logicamente, a periodicidade destas notícias do âmbito educacional, que não demonstram tanta frequência como outras, no entanto, ao permanecer com a prática declaratória não haverá garantia de solução para o problema quantitativo da produção de notícias.

Magalhães (2019, p.271) afirma também em sua obra, no capítulo intitulado “Imprensa Intimidada”, que “preservar o espírito crítico onde ele não se apagou será um dos maiores desafios do jornalismo e da democracia daqui por diante”. Para uma cobertura de educação de qualidade, que combine o peso das declarações, mais a contextualização e apuração, será necessário uma altivez jornalística que “implica sobretudo em informar, descobrindo o que é relevante e oculto no poder” (MAGALHÃES, 2019, p.270).

Embasado por esta análise, percebe-se então a responsabilidade e a ciência das práticas utilizadas que o jornalismo deve ter ao pautar um acontecimento, para contribuir na construção de uma sociedade melhor informada e com maior senso crítico. Qualquer ideia não torna o fato noticiável e propagar conteúdos mal apurados não auxilia na construção de estruturas de comunicação com ligações lógicas.

No provocativo texto de Gillmor, um alerta que vai de encontro ao combate da prática declaratória, no qual o autor afirma que o trabalho do jornalista não é reportar sem criticidade ou “fazer estenografia e chamar de jornalismo”. O trabalho deste profissional está também na forma como ajuda o público a ser informado sobre o que fazem “com nosso dinheiro e nosso nome” (GILLMOR, 20118, s.p.).

7. METODOLOGIA

A presente pesquisa centra-se em uma Abordagem Qualitativa, a fim de descrever, compreender e explicar conceitos acerca do jornalismo declaratório, sua utilização, fomentação, consequências e debates para a construção constante do exercício jornalístico e como seu reflexo pauta também a sociedade. Segundo SAKAMOTO e SILVEIRA (apud MINAYO, 2001, p.14), a Pesquisa Qualitativa trata-se “de uma abordagem descritiva [...] aborda aspectos da realidade relacionados ao ‘universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes’”.

Quanto aos objetivos primeiros deste estudo, trataremos como Pesquisa Exploratória e Explicativa, tal como explica SAKAMOTO e SILVEIRA (2014, p. 50), ao definir a Pesquisa

Exploratória como “tipo de Pesquisa que visa tornar familiares novos Objetos de estudo”. E ainda sob a luz das autoras, segue-se a definição de Pesquisa Explicativa (2014, p. 51) como: “uma modalidade de estudo que busca a causa de determinação do Objeto estudado, aquilo que possa explicá-lo identificando fatores determinantes para a sua existência”. Portanto, todo o conteúdo é embasado em uma gama variada de autores que incluem jornalistas em pleno exercício da profissão, jornalistas docentes, estudiosos do tema, análise de Manuais de Redação, notícias, obras acerca do jornalismo e suas definições e desdobramentos, estudos de caso, e até mesmo obras de sociologia que dão conta de explicar fenômenos comunicacionais da sociedade.

Desta forma, trata-se de uma pesquisa que busca ao máximo estudar, avaliar, analisar e explicar o fenômeno por trás do jornalismo declaratório, o fortalecimento da prática, como os autores a explicam, quais as percepções dos profissionais, como se engendram esta relação, para além da problemática central aqui estabelecida, dentro do contexto de polarização política atual, que segue fornecendo casos de análise.

8. CONCLUSÃO

De acordo com o andamento do estudo, verifica-se que houve possibilidade de resposta às hipóteses propostas, no entanto, o estudo acerca do jornalismo declaratório, que pode parecer simples em princípio, mostra determinadas complexidades e desdobramentos a partir do ato de se debruçar em um processo acadêmico mais aprofundado.

Na primeira hipótese apresentada, ocorre a proposta de reflexão acerca daquilo que faz tal prática jornalística perdurar e ser amplamente utilizada nas redações, principalmente com o reforço da era tecnológica, apresenta-se, em parte características pautadas por este estudo que pode responder a questão como sendo verdadeira. No entanto, ainda que ocorra esta corroboração por

uso das ferramentas tecnológicas e pelo ensino nas universidades, vê-se que o jornalismo declaratório também é utilizado por ser um artifício gerador de notícias e conteúdo.

Vale ressaltar que nesta análise pode-se concluir também que, apesar dos pontos de atenção levantados para a utilização do método, reverbera também, em certa medida, o caráter informacional que também carrega o jornalismo declaratório. Ainda que, também em alguma medida, seja utilizado de “praça pública” para reproduzir falas que não colaboram qualitativamente com o debate, há de se observar que, por meio do conhecimento de algumas declarações, é possível perceber ou reconhecer fatores como credibilidade, seriedade, compromisso com a verdade, do ator que declara.

Entremeando tais pontos, lançamos luz à segunda hipótese, cujo argumento está embasada na premissa de que o jornalismo declaratório ganha força no ambiente virtual, e cujos personagens centrais desta narrativa destacam-se por ser, na maioria dos casos, atores políticos. No decorrer da pesquisa, comprova-se como verdadeira o que aqui se apresenta, considerando sempre a flexibilidade e desdobramento do assunto. Haja vista que em tempos que primam pela velocidade de produção, inclusive no âmbito das notícias, a apuração, o estudo, o aprofundamento, o imersão no assunto, torna-se um processo difícil nas redações, que pode, em alguns casos, extrapolar os limites ou fatores mais importantes dos critérios de noticiabilidade. Isto é o que se apresenta o grande imbróglio do uso do jornalismo declaratório: a ausência de apuração, a reprodução deliberada, sem criticidade, ou que reforça um discurso, ainda que este seja falso.

Em decorrência disso, a prática ganha contornos de vilania no ofício do jornalista, uma vez que este título profissional é intrínseco a adjetivos como verdadeiro, autêntico, verídico, legítimo, e outros mais relacionados ao labor de expor todas as faces de uma narrativa, sem elo com interesses financeiros, comerciais, e qualquer outro que possa interferir na qualidade jornalística das notícias e reportagens.

Quando o jornalismo declaratório é situado na cobertura de educação do país, editoria que ainda demonstra menos procura por quem ingressa no jornalismo – cenário que tem sido

modificado com trabalhos como o da Associação dos Jornalistas de Educação (JEDUCA) – a problemática é elevada a outra esfera. Observou-se a veracidade da última hipótese em grande parte do produto jornalístico, quando da linguagem utilizada em matérias sobre educação no Brasil. Fatores de reproduções negativas sem contexto, a linguagem que não gera proximidade ou familiaridade com as experiências vivenciadas no cotidiano dos leitores (com estudantes, vestibulandos ou outros interessados na editoria) culminam, segundo a análise, em outros entendimentos e até em um desinteresse por matérias da editoria.

Para mudança de cenário da educação no Brasil, emerge a necessidade de um trabalho de base. O assunto é considerado importante pelos brasileiros, mas ainda distante de um entendimento mais aprofundado. O jornalismo é, sobretudo, crucial para a sociedade como o oxigênio é para o ser vivo. Assim como a ciência, o jornalismo é fundamental para o progresso, é fundamental para criação, desenvolvimento e nutre as práticas democráticas. A imprensa deve ser, livre dos jogos de interesses, o porta-voz daqueles que não podem erguer as suas. A função precípua do jornalismo deve ser, além da organização e propagação de informações confiáveis, combater qualquer tentativa de amordaçamento, em seu sentido figurado, no ato de calar opiniões. Seja com ordens, seja através de declarações sem contribuição alguma, ataques e ofensas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO. Disponível em <<https://jeduca.org.br/texto/jornalismo-declaratorio-deve-ser-revisto-pelas-redacoes>> Acesso em 01/09/2019.

ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO. Disponível em <<https://jeduca.org.br/texto/cobertura-deve-focar-em-historias-nao-na-barulheira-politica>> Acesso em 04/09/2019.

AZEVEDO, A. Vivaldo de. **Noções de Jornalismo Aplicado**. Rio de Janeiro: Ed. Ouro, 1979.

BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro, Agir, 1959.

CALÇADE, Paula. GUERRA, Guilherme. Disponível em
<<http://vozesdoensinomedio.com.br/sobre>>. Acesso em: 05/11/2019.

COSTA, Luciano Martins. **O jornalismo declaratório**. Observatório da imprensa. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-jornalismo-declaratorio/>>. Acesso em 04/09/2019.

DEBORD, GUY (1997). **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.

FILHO, Martins. LOPES, Eduardo. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo** / Eduardo Martins. 3ª edição – revista e ampliada. – São Paulo: O Estado de São Paulo, 1997.

FURTADO, Kevin William Kossar. GADINI, Sérgio Luiz. **O Jornalismo em forma de carta no primeiro século da Era Cristã: análise das epístolas bíblicas de São Paulo a partir das principais características jornalísticas**. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - Estudos em Jornalismo e Mídia - Vol. 10 Nº 1 – Janeiro a Junho de 2013. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2013v10n1p183>>. Acesso em 16/04/2020.

GARCIA, Luiz. **O Globo**. Manual de redação e estilo. – 28. Ed. – São Paulo: Globo, 2003.

GILLMOR, Dan. **Dear Journalists, Stop Being Loudspeakers for Liars - An open letter to newsrooms everywhere**. 2018. Disponível em <<https://medium.com/@dangillmor/dear-journalists-stop-letting-liars-use-your-platforms-as-loudspeakers-cc64c4024eeb>>. Acesso em 09/04/2020

GONÇALVES, Eveline Regina. **Telejornalismo na cibercultura: a incidência do jornalismo declaratório nas TVs de Campina Grande e sua operacionalidade através do WhatsApp**.

Tese (Mestrado). – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – João Pessoa, 2018.

JORGE, Thais de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. 2. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2018.

KAUFFMAN, Ricardo. **O abraço Corporativo**. In: VIMEO PLATAFORMA VIDEO PROFESSIONAL. 2009. Disponível em: < <https://vimeo.com/73639203>>. Acesso em setembro de 2019.

MAGALHÃES, Mário. **Sobre lutas e lágrimas: uma biografia de 2018, o ano em que o Brasil flertou com o apocalipse**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.

Manual da Redação: Folha de São Paulo. – 21. Ed. – São Paulo: Publifolha, 2018.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Abraham Weintraub, as polêmicas do Ministro da Educação**. Disponível em < <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,abraham-weintraub-as-polemicas-do-ministro-da-educacao,70002857628>>. Acesso em 07/11/2019.

OLIVEIRA, Israel Dias de. **Jornalismo Declaratório**. – São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2018.

PAIXÃO, Patrícia. **O nosso “jornalismo declaratório” de cada dia**. Disponível em: < <http://portalimprensa.com.br/noticias/opiniao/79047/opiniao+o+nosso+jornalismo+declaratorio+de+cada+dia+por+patricia+paixao>>. Acesso em 10/10/2019.

SAKAMOTO, Cleusa Kazue. SILVEIRA, Isabel Orestes. **Como fazer projetos de iniciação científica**. - São Paulo: Paulus, 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma breve história do jornalismo no Ocidente**. Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media e Jornalismo. 2008. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>>. Acesso em: 20/04/2020.

TOLEDO, Camila Ferraz Martos. BARBOSA, Raíssa Abdalla. ZALESKI, Sula de Castro. CHOI, Andréia Jung Yun. SANDOVAL, Adriana Paz. CARONE, Paula Cagliari de Alcântara. DEJAVITE, Fábila Angélica. **Jornalismo investigativo e sua substituição pela prática declaratória**. Artigo Científico – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.